

Estágio Supervisionado Docente e novas linguagens no ensino de Geografia

Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo¹

RESUMO

Neste trabalho, refletimos acerca do quefazer docente na orientação aos educandos da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, ministrada no curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Paraíba, Brasil, no ano de 2014. Refletimos sobre a nossa atuação docente na área de ensino de geografia por ocasião da organização do trabalho educativo, nas atividades de estágio supervisionado, entendendo que este ocorre mediante a práxis transformadora, assim como a sociedade atual perpassa por desafios no âmbito da educação do Século XXI, especialmente, focando as questões relacionadas ao cotidiano escolar e ao papel do professor, na contemporaneidade. Discutimos as noções de Projeto de Estágio Docência, a observação do ambiente escolar e o planejamento pautado na educação por competência cidadã, mediada pelas metodologias alternativas, no ensino de Geografia, para a viabilização do processo de ensino e aprendizagem. Consideramos importante o estudo dos componentes do planejamento docente (objetivos, competências, habilidades, conteúdos, avaliação – conceito, função e importância), na formação inicial, como forma de qualificar as atividades realizadas no período de regência docente, bem como a escolha das metodologias apropriadas às especificidades dos/as educandos/as, propiciando-lhes a apreensão do saber ensinar/aprender. Sobre a metodologia, os educandos/as estagiários/as em formação inicial, desenvolvem práticas de ensino sob a forma de planejamento e elaboração de material didático para a aplicação na escola da Educação Básica, considerando-se as experiências vivenciadas nesta durante o Estágio Docência, como uma forma para dimensionar o saber-fazer docente. Os resultados

1 Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (PB). Doutora em Educação na linha de Educação Popular pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: ivanaldadantas@gmail.com.

indicam a necessária orientação aos educandos, o diálogo, as trocas de experiências na confecção do projeto e na execução do Estágio Docência, construções essas desafiadoras para se experimentar a prática docente crítica reflexiva.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Docência. Metodologias Alternativas. Ensino de Geografia. Cotidiano escolar.

Supervised Internship for Teachers and new languages in teaching Geography

ABSTRACT

This work reflects on the teaching “whatdo” in guidance to students of the subject Supervised Internship in Geography II, taught in the Bachelor’s Degree in Geography from the Federal University of Campina Grande (UFCG), Paraiba, Brazil, in the year 2014. We reflect on our teaching practice in geography area during the organization of educational work in supervised training activities, understanding that this occurs by transforming praxis, as well as the current society permeates challenges within the twenty-first century education, especially focusing on issues related to the school routine and the role of the teacher, nowadays. We discussed the concepts of Teaching Internship Project, observing the school environment, as well as guided planning in education for citizen competence, mediated by alternative methods in teaching geography, for the viability of the teaching and learning process. We consider that it is important to study the components of teaching planning (goals, competencies, skills, content, evaluation - concept, function and importance) in initial training as a way to qualify the activities carried out in teaching regency period, as well as the choice of the appropriate methodologies to the specificities of the students as, providing them the seizure of knowledge teaching learning. On the methodology, the students trainees in the initial training develop teaching practices in the form of planning and development of teaching materials to use them at schools of basic education, considering the experiences acquired during the Teaching Internship, as a way to scale the know-how of teaching. The results indicate the necessary guidance to students, dialogue,

exchanges of experiences to make the design and implementation of the Teaching Internship, these challenging frameworks to try a critical reflective teaching practice.

Keywords: Internship. Teaching. Alternative methodologies. Geography teaching. Everyday schooling.

Prática supervisionada docente y los nuevos lenguajes en la enseñanza de Geografía

RESUMEN

En este trabajo se refleja sobre la práctica docente en la orientación a los estudiantes de la asignatura Práctica Supervisado Docente en Geografía II, dada en el curso de Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal de Campina Grande (UFCG), Paraíba, Brasil, en el año 2014. Se refleja sobre nuestra práctica docente en el área de enseñanza de geografía por ocasión de la organización del trabajo educativo en las actividades de prácticas supervisadas, entendiendo que esto ocurre mediante la praxis transformadora, así como la sociedad actual atraviesa desafíos en el ámbito educacional del siglo XXI, especialmente, centrándose en las cuestiones relacionadas con la rutina escolar y el papel del profesor en la actualidad. Hemos discutido los conceptos de Proyectos de Prácticas Docente, la observación del entorno escolar, así como la planificación guiada en la educación por competencia ciudadana, mediado por métodos alternativos en la enseñanza de Geografía, para viabilidad del proceso de enseñanza y aprendizaje. Consideramos importante el estudio de los componentes de la planificación docente (objetivos, competencias, habilidades, contenidos, evaluación - concepto, función e importancia) en la formación inicial, como una forma de calificar las actividades llevadas a cabo en el período de regencia docente, así como la elección de metodologías apropiadas a las especificidades de / los / las estudiantes, ofreciéndoles la aprehensión del conocimiento de enseñar / aprender. Acerca de la metodología, los estudiantes / practicantes en la formación inicial, desarrollan prácticas de enseñanza en la forma de planificación y preparación de material didáctico para uso en la escuela de Educación Básica, teniendo en cuenta las experiencias vividas en

esta durante la Práctica Docente, como una forma de dimensionar el saber hacer docente. Los resultados indican la necesaria orientación a los educandos, el diálogo, el intercambio de experiencias en la fabricación del proyecto e en la ejecución de la Enseñanza de Prácticas, construcciones esas desafiantes para experimentarse la práctica docente crítica reflexiva.

Palabras clave: Práctica Supervisada. Docencia. Metodologías Alternativas. Enseñanza de Geografía. Rutina de la escuela.

Introdução

A Geografia adotou, inicialmente, a postura tradicional ainda presente no ensino das escolas, fato que culminou na crise vivenciada pela Geografia Escolar, cujo viés tradicional tem como bases o Positivismo, pautado numa educação conteudística, também intitulada por Paulo Freire (1995) como Educação Bancária, a qual se vê desprovida da multidimensionalidade que caracteriza a educação e a formação humanas.

Nesse sentido, ao longo da evolução da educação, assim como do pensamento geográfico, surge, na década de 1930, com maior ênfase nas décadas de 1970 a 1990, o Movimento de Renovação da Geografia, o qual travou debates sobre os questionamentos de bases teórico-metodológica, referentes à Geografia Tradicional, pautada na transmissão de conhecimentos e na negação das realidades dos sujeitos educandos, tomando o professor como o centro do saber, portanto, o domínio da razão.

Nasceram novas tendências da Geografia – Quantitativa, Humanística e Crítica – pautada cada uma em métodos e metodologias específicas, sendo a Quantitativa ancorada em concepções científicas, na mensuração e nas teorias; enquanto a Geografia Humanística, de bases marxista, sociológica, fenomenológica e existencialista, principia as intersubjetividades humanas; restando à Geografia Crítica, o debate apoiado no materialismo histórico dialético, por sua vez desenvolvido segundo a crítica reflexiva da realidade, com profundas repercussões na evolução do pensamento geográfico e na educação escolar.

Contudo, o Movimento de Renovação não conseguiu sozinho desenvolver uma educação escolar no ensino de geografia que tornassem horizontalizadas as relações de ensino-aprendizagem, pois embora houvessem mudanças nos conteúdos contextualizados com as realidades dos sujeitos, a abordagem e a explanação continuaram centradas no professor como detentor do saber que transmite os conhecimentos sem a preocupação com a reflexão e transformação do educando entendido como receptor.

O evidente desinteresse dos/as educandos/as pelo ensino, em especial o de geografia, se constituiu como uma das constatações realizadas durante a execução da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, ministrada no período 2014.2, ofertada pelo curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, situado na mesorregião do Sertão Paraibano, Brasil.

A referida disciplina contemplou catorze educandos/as estagiários/as matriculados/as, os/as quais desenvolveram suas atividades de estágio no lugar onde residem, em catorze escolas distintas, sendo seis escolas estaduais e oito escolas municipais, distribuídas em municípios de duas Unidades da Federação, quais sejam: Sousa, Cajazeiras, Pombal e Uiraúna, no estado da Paraíba; e Ipaumirim e Barro, no estado do Ceará, situação esta explicada especialmente pela localização da Universidade em área de fronteira, situada entre estes dois estados.

Portanto, partimos de nossa experiência como educadora e orientadora junto aos/as educandos/as da Disciplina compreendendo que o ato de educar implica na necessária emancipação e libertação dos sujeitos humanos. Especialmente, quando consideramos sua inserção na construção de conhecimentos e de saberes, pautados nas diversidades que envolvem os educandos e as distintas formações dos educadores.

Como parte do processo de formação profissional de educadores em geografia, situa-se a atividade de Estágio Supervisionado, destinada à observação de ambientes, documentos e procedimentos escolares, assim como dos educandos/as e educadores/as, além da prática docente.

O que ocorre por ocasião da realização do Estágio na unidade escolar, momento em que o/a educando/a estagiário/a, futuro/a educador/a de ensino de Geografia, tem a oportunidade de vivenciar experiências docentes, desenvolvendo inicialmente, o Projeto de Estágio, utilizando-se de distintas metodologias, e posteriormente, as atividades docentes. Nesse momento, ocorre a práxis docente pautada nos conhecimentos adquiridos na Academia e na escola, quando se promove o desenvolvimento das disciplinas de Estágios Supervisionados.

Nas vivências dos catorze educandos estagiários em catorze unidades escolares distintas, desenvolveram-se questionários e entrevistas semiestruturadas junto aos/as educandos/as e educadores/as escolares. Momento em que se construíram os projetos de Estágio, a partir de informações sobre como, para quê, para quem e o quê se ensina em Geografia.

Além da introdução e das considerações o artigo apresenta três questões: 1- Importâncias do Estágio Supervisionado para a Formação Docente em Geografia; 2- A experiência do Estágio Supervisionado na Disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II: da observação à execução; e 3-Linguagens e metodologias alternativas para o ensino de Geografia: resultados alcançados.

Importâncias do Estágio Supervisionado para a Formação Docente em Geografia

O Estágio Supervisionado se constitui como elemento curricular fundamental na formação docente, pois, na promoção da relação teoria-prática, este oportuniza outros conhecimentos do campo de trabalho, novos conhecimentos pedagógicos, procedimentos administrativos e de organização do ambiente escolar, inter-relação educandos-educador e vice-versa, educando estagiário e educandos e vice-versa, educador e educando estagiário e de educandos entre si. Relações estas que constituem a formação inicial docente transformando o/a educando/a estagiário/a, ao concluir o curso, num profissional docente, segundo afirma o Parecer nº 21/2001 CNE:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário (BRASIL, 2001).

A execução da disciplina relativa ao Estágio Supervisionado aproxima o discente estagiário do cotidiano escolar, promovendo a percepção dos desafios e limites da profissão docente, quando no ato do estágio ele aprende e ensina na perspectiva do saber fazer, motivando, sensibilizando e obtendo (in) formações e trocas de saberes, na construção do conhecimento. É, portanto, o momento em que conhecendo a realidade, refletimos e agimos sobre a mesma no sentido da práxis transformadora, capaz de contribuir na formação e no fortalecimento da identidade do/a educando/a. Conforme Barreiro e Gebran (2006, p. 20), o “estágio pode se construir no lócus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade”.

O estágio se apresenta como um dos momentos do processo de formação de professores, nos quais o/a licenciando/a adentra a escola para conhecê-la e compreender sua importância, o seu funcionamento e as possíveis dificuldades de um profissional docente. Conforme Melo (2008), a escola se apresenta como um espaço de desenvolvimento da prática por ocasião do estágio, a partir dos saberes docentes construídos na licenciatura

Quando se fala na relação teoria-prática, entende-se que tanto a instituição formadora quanto a escola que recebe os futuros professores transforma-se em espaços de formação colaborativa. Não uma formação aligeirada, lacunar, mas uma formação que permita aos futuros professores assumirem sua tarefa, bastante complexa, de modo a contribuir, decisivamente, com uma educação mais humana e inclusiva. Ou seja, uma

formação capaz de munir os futuros profissionais da educação de ferramental teórico-prático que lhes permita não só analisar, mas compreender o contexto histórico, político, social cultural de que faz parte a atividade docente (MELO, 2008, p. 87).

Como consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura em Geografia (UNIVERSIDADE, 2008, p. 2) a prática como estágio supervisionado, do mesmo modo que a prática como componente curricular, além de ser condição para a obtenção da licença para o exercício da docência, “oportuniza a vivência *in loco* e o conhecimento de situações reais diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino”. Segundo o Parecer nº 21/2001 CNE, o estágio configura-se

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário (BRASIL, 2001).

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, amparado no Parágrafo 3º, Artigo 13, da Resolução CNE/CP 1/2002 (BRASIL, 2002a):

O Estágio Curricular Supervisionado, definido por lei, a ser realizado na escola de Educação Básica, e respeitando o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do Curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e escola campo de estágio.

Segundo o Parecer CNE/CP nº 28/2001, o Estágio Supervisionado implica numa relação pedagógica entre um profissional habilitado, o professor da escola, e o/a educando/licenciando/a num ambiente institucional, a escola, momento em que se realizam as observações do

ambiente escolar e de seus sujeitos e, posteriormente, a prática docente para cumprimento da exigência das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado.

O estágio proporciona ao/à educando/licenciando/a uma aproximação do ambiente em que ele atuará como futuro profissional da educação, visto que este espaço é a escola, dotada de dinamismo e regras próprias. Em geral, os/as educandos/licenciandos/as se deparam com dificuldades para o desenvolvimento do estágio, impossibilitadoras da realização dos objetivos definidos.

Isso vem se tornando cada vez mais complexo pelo fato de que a escola da Educação Básica apresenta nenhum ou baixo nível de integração com a universidade, e quando o apresenta, restringe-se, em parte, a projetos de extensão e pesquisa ou à recepção dos/as educandos/licenciandos/as para cumprimento do estágio que, após o seu término, por vezes, não recebe o resultado crítico do desenvolvimento das atividades de observação e prática docentes realizadas, constituindo-se a escola como 'palco de ações' do estágio.

A participação em distintos eventos acadêmicos externou experiências demonstrativas de que a atividade de estágio restringe-se, por vezes, ao mero cumprimento curricular da disciplina nas escolas, não apresentando vínculo de maior solidez com a universidade, tampouco um diálogo entre as demais disciplinas de Estágio.

Outras dificuldades de implementação do estágio é a dificuldade de acompanhamento do/a estagiário/licenciando/a pelo/a professor/a de disciplina durante o Estágio, tendo em vista distribuição espacial daquele em unidades da federação diferenciadas, dificultando de tal modo, as condições de deslocamento do/a professor/a da disciplina.

Segundo Souza (2013), por vezes o estágio se torna complexo para os/as estagiários/as pelo fato de que eles/as têm a dificuldade de reconhecer quais conteúdos terão significância, na noção de desenvolvimento espacial na Educação Básica. Outra dificuldade é a organização dos conhecimentos acadêmicos e sua conexão com a prática no exercício profissional docente.

Algumas reflexões são pertinentes durante a execução de uma disciplina de Estágio, desde o planejamento da disciplina para

todo o semestre. O que se inicia desde a Academia com a preparação de material bibliográfico referente às questões conceituais e também relativas à metodologia da pesquisa, do estudo e planejamento sobre as metodologias e linguagens a serem utilizadas em sala de aula, as categorias e conceitos que podem ser identificadas a partir das temáticas a serem abordadas, a construção de planos de aula, projetos, dentre outros aspectos.

A chegada à escola é precedida pelo acordo institucional entre a Universidade e a Escola como forma de se estabelecerem parcerias destinadas ao cumprimento das exigências da Disciplina Estágio Supervisionado, dentre elas, a prática docente. Ao chegar à escola, o educando estagiário se depara com a prática docente e com a realidade institucional, lócus de sua futura atuação. O primeiro instante se revela no desvelo da instituição escolar, com o processo primeiro de observação e registro, do conhecimento dos documentos e procedimentos institucionais, da rotina e das rupturas dos fixos e fluxos daquele ambiente. Adentrar a sala de aula implica novas observações no micro espaço da escola onde se dá o processo educacional de forma mais intensa entre educando/a e educador/a.

Os primeiros contatos com o/a educador/a promove ao/a educando/a estagiário/a a oportunidade de investigar a respeito da temática a ser abordada durante a aula que será ministrada na ocasião da regência docente. Além de poder estabelecer maiores contatos com os/as educandos/as e o/a professor/a de disciplina, observando-se sua prática docente e refletindo sobre quais as possíveis contribuições da Universidade, através do/a educando/a estagiário/a para a escola e desta para aquele representante, também, da Universidade.

A observação da prática docente traz como possibilidades a reflexão sobre as práticas, das metodologias utilizadas, das formas de avaliação, do planejamento e dos recursos utilizados, traduzindo ao final as impressões a respeito de uma aula significativa e atraente ao/à educando/a ou desinteressante e descontextualizada de sua realidade.

Aos poucos os/as educandos/as estagiários/as se aproximaram dos professores de disciplinas, cada um em sua escola de realização do estágio, arguindo-os sobre as distintas metodologias e recursos

utilizados, assim como as memórias referentes à qualidade do ensino no tempo de sua formação inicial.

É na escola que se pode perceber a necessidade de por em prática a teoria aprendida na Universidade, necessitando, portanto, propor à escola novas metodologias e linguagens de ensino, capazes de instigar a curiosidade dos/as educandos/as, tornando o ambiente agradável e atrativo ao gosto daqueles, situando-os como partícipes e sujeitos do processo de aprendizagem. Portanto, um ensino contextualizado, capaz de compreender suas realidades e especificidades locais.

Conhecidos a escola, os materiais que compõem a pesquisa documental, os sujeitos educandos, o/a professor/a de disciplina, suas práticas, metodologias e recursos, o/a educando/a estagiário/a retorna ao espaço acadêmico para a reflexão acerca dos resultados primeiros da pesquisa e posterior prática docente, quando da ocasião do Estágio na escola. São esses instrumentos que fornecerão subsídios à prática docente, somando-se às vivências e as reflexões críticas proporcionadas inicialmente pelo/a professor/orientador/a e pelodiscente e, posteriormente, no espaço escolar quando o discente constrói outros saberes na observação e na vivência com a comunidade escolar, instituindo de tal modo, a práxis transformadora através de alternâncias de saberes em tempos e espaços diferenciados.

O Estágio é, portanto, o momento de construção do processo de ensino-aprendizagem, quando teoria e prática são postas vis-a-vis, uma subsidiando à outra, sendo a última capaz de fornecer subsídios à reflexão da primeira, pois ambas constituem-se como um núcleo articulador no processo de formação, como resultado de uma práxis transformadora na ação de formação docente e da formação educadora do professor de disciplina junto aos educandos escolares.

São esses momentos de trocas de saberes que dão ao discente estagiário a condição de autonomia e de qualidade da formação na construção da profissionalização docente, segundo afirma Barreiro e Gebran (2006, p. 22),

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção

de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas.

O Estágio como parte da qualificação inicial docente configura-se como o momento em que é oportunizada a práxis, ou seja, une-se a teoria e a prática pela ação concreta de ministrar aulas para educandos/as e compreendendo-os como sujeitos desta construção.

Para compreender os processos e práticas que consubstanciaram a construção de distintos saberes em alternâncias de espaços e tempos diferenciados, durante a execução da Disciplina em análise, Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, tomamos a experiência aqui mencionada para análise de demonstração de resultados.

A experiência do Estágio Supervisionado na Disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II: da observação à execução

Neste item, apresentamos situações vivenciadas por ocasião da orientação docente junto aos educandos/estagiários. Desde o princípio da atividade de estágio, estes foram levados a um processo de ação-reflexão-ação para a construção de uma práxis transformadora, partindo de referenciais bibliográficos para a ação docente, considerando, primordialmente, tratar-se da formação docente em geografia. O ponto culminante da discussão situa-se no limiar do ensino de geografia, a utilização de novas metodologias e na sua importância para a formação docente e dos sujeitos educandos. O desafio central é desenvolver o estágio no ensino de geografia, partindo da utilização de metodologias e recursos diferenciados, e aulas e conteúdos significativos, contextualizados com a vida daqueles.

Nessa empreitada, alguns questionamentos são passíveis de análise e reflexão: o que ensinar em geografia? Para quem ensinar? Como ensinar? Para quê ensinar geografia? Por que ensinar geografia? Partindo desses questionamentos o/a educando/a estagiário/a pode verificar no ambiente escolar juntamente com o/a professor/a da sala de aula onde ocorre o estágio, sobre qual temática será abordada por ocasião do estágio, assim como a importância e os significados da

geografia nas transformações socioespaciais em distintas escalas, na vida do ser humano. Dessa forma podemos demonstrar e discutir na escola como os educandos estão inseridos em processos cotidianos, de dimensão nacional, conforme afirma Cavalcanti (2011, p. 87):

para que os alunos entendam os espaços de sua vida cotidiana, que se tornaram extremamente complexos, é necessário lhes propiciar uma Geografia estruturada de tal modo que dê conta de levá-lo a analisar, ao mesmo tempo, um contexto mais amplo e global, do qual todos formam parte, e os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local, onde realiza sua vida individual cotidiana.

De acordo com Castrogiovanni (2000, p. 7), a geografia escolar, para compreender seu objeto de estudo, o espaço geográfico, “deve lidar com as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepor o conhecimento do cotidiano aos conteúdos escolares, sem se distanciar, em demasia, do formalismo teórico da ciência”. Daí a importância do estágio supervisionado, cuja experiência aqui sistematizada ocorreu em três momentos distintos: o primeiro, durante três aulas, quando se desenvolveu a observação da escola, da sala de aula, do professor, dos educandos e a escolha da temática. O segundo, a construção do projeto de pesquisa e dos planos de aulas, orientados pelo professor de disciplina e por um monitor; e o terceiro, distribuído em cinco aulas realizadas na escola, nas quais o/a educando/a estagiário/a pode executar a prática docente.

No tocante à primeira etapa, os educandos compareceram às escolas para realização do estágio e presenciaram situações por vezes, adversas ao que se espera de um ambiente educacional, a exemplo de serem designados para turmas consideradas ‘indesejáveis’ à escola; educandos de comportamentos ‘difíceis de convivência’ e desenvolvimento comprometido com o ato de educar-aprender, o que transpareceu na escrita de alguns educandos/as estagiários/as.

O Projeto de Estágio associado à construção do plano de aula demonstrou a importância dessa atividade curricular, o Estágio, em função de ser aquele um dos primeiros momentos de convivência dos/

as educandos/as estagiários/as com a prática docente e de observação na escola.

Dos catorze educandos/as estagiários/as, treze apresentaram dificuldades de demonstrar uma linearidade no pensar reflexivo em relação à construção do projeto e dos planos de aula como elementos indispensáveis ao planejamento das aulas a serem executadas. Ou seja, não conseguiram, inicialmente, estabelecer uma relação entre o que seria significativo registrar sobre o que foi observado, principalmente pelas dificuldades demonstradas em relação a quais instrumentos metodológicos poderiam ser utilizados em cada situação observada na escola.

Por outro lado, também apresentaram dificuldades na construção do planejamento para a docência, especialmente na construção de planos de aulas necessários ao cumprimento da exibição/exposição da temática escolhida, ou seja, estabelecer relações entre o conteúdo, os objetivos, as estratégias metodológicas, as linguagens, os recursos, o tempo necessário e os resultados esperados.

Ao percebermos tais fragilidades, ampliamos o acompanhamento diário dos/as educandos/as estagiários/as, orientando-os/as presencialmente e à distância, via internet, para a construção dos planos de aulas e a execução da regência em sala de aula. O que culminou em resultados positivos na aprendizagem docente e discente, demonstrando a importância do ato de orientar, assim como da presença do monitor na sala de aula no atendimento a essas demandas.

Além dos acompanhamentos diários, em média, acompanhamos a todos/as por três vezes, lendo e relendo seus escritos, discutindo suas práticas e reflexões, assim como o traçado descrito nos Plano de Aulas, como elementos norteadores do planejamento docente.

Todos os/as educandos/as estagiários/as afirmaram que os professores das salas de aula onde realizaram os estágios adotavam práticas tradicionais, no que concerne ao uso intensivo e repetitivo do livro didático e do quadro-de-giz. Nosso propósito foi, então, após essas vivências, realizarmos o debate reflexivo sobre novas metodologias e linguagens no ensino de geografia, assim como ressignificar a importância do Estágio Curricular Supervisionado para a

formação docente, procurando tornar as aulas momentos interativos de aprendizagens conectadas às histórias e às realidades dos sujeitos da escola.

Embora tenhamos discutido sobre essas questões, ainda presenciamos nos planos de aulas dos/as educandos/as estagiários/as a repetição de práticas tradicionais adotadas pelos professores das escolas onde estagiaram como reflexos da educação que também receberam ao longo da vida: uma educação mnemônica, marcada pela reprodução de conteúdos descolados do chão das realidades dos sujeitos.

Reconstruímos todos os projetos e planos de aulas, a partir das discussões travadas em salas de aula, de modo que aos/as educandos/as estagiários/as foi dada a condição de refletir sobre a conexão entre a observação como momento inicial, a construção do projeto de estágio e dos planos de aula, a execução do estágio em sala de aula e, finalmente, o registro das observações em relatório de atividades. Este foi transformado, posteriormente, em artigo científico para incentivar a participação em eventos acadêmicos, culminando na publicação de onze artigos no Encontro Nacional de Licenciaturas (ENALIC), em 2014 e cinco artigos no Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), em 2015.

Dentre as preocupações elencadas em sala de aula, incentivamos aos/as educandos/as estagiários/as, à utilização de novas metodologias e linguagens no ensino de geografia, uma vez que elas possibilitam ao ensino e à educação o ressignificado do ensinar-aprender, partindo do que é significativo para os sujeitos educandos.

Linguagens e metodologias alternativas para o ensino de Geografia: resultados alcançados

Como uma prática recorrente na educação, a construção do ensino se deu com o professor transmitindo o conhecimento e, por outro lado, o educando como receptor de informações e conteúdos, por vezes desconectados entre si, além da desconexão com seus saberes e especificidades locais. No caso específico da Geografia, um ensino mnemônico, incapaz de situar o educando no espaço geográfico no qual se insere.

Contrária a essas práticas, no decorrer da disciplina ministrada no ambiente acadêmico, a execução do estágio e a orientação docente pautaram-se, principalmente no planejamento voltado ao ordenamento metodológico e à utilização de novas linguagens no ensino geografia, frente às posturas tradicionais vivenciadas pelos educandos, nas salas de aulas das escolas. A utilização de linguagens diferenciadas oportuniza aos/às educandos/as desenvolver suas capacidades para a aquisição de novas competências “em função de novos saberes que se produzem [na contemporaneidade] e demandam um novo tipo de profissional, preparado para lidar com novas tecnologias e linguagens” (BRASIL, 1996, p. 28).

Conforme relatos dos discentes estagiários em seus relatórios e projetos de estágio, o ensino de geografia nas escolas demonstrou-se como uma prática desestimulante, descontextualizada, pois as catorze experiências vivenciadas, afirmam que os educandos apresentam dificuldades de compreensão dos conhecimentos geográficos, além de desconhecem para que serve a geografia e qual a sua utilidade em seus cotidianos. Contrária a essa perspectiva posiciona-se Madruga (1999, p. 50):

A tarefa docente consiste em organizar, programar e dar sequência aos conteúdos de forma que o aluno possa realizar uma aprendizagem significativa, encaixando novos conhecimentos em sua estrutura cognitiva prévia e evitando, portanto, uma aprendizagem baseada apenas na memorização.

Além de debatermos e analisarmos sobre essas questões, também se incentivou aos discentes a utilização de novas metodologias e linguagens para diversificar a abordagem de ensino, contextualizando os conteúdos com a realidade dos educandos, utilizando linguagens capazes de atrair a atenção daqueles e facilitar a aprendizagem, considerando os conteúdos geográficos em sua transdisciplinaridade.

Dentre as linguagens possíveis de serem utilizadas na realização do estágio, destacamos o uso da charge, da imagem, do vídeo, da música na produção de livros, gráficos, tabelas, utilização de imagens, de paródias, de mapas, de jogos didáticos interativos, todos estes

associados à utilização dos textos contidos em livros didáticos, em geral, adotados pela própria escola.

Figura 1 - Atividade com mapas e Textos

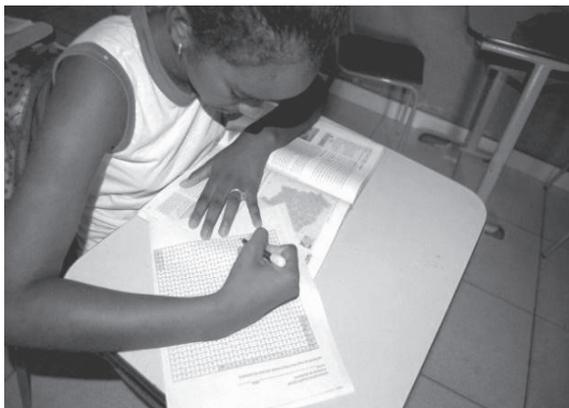


Figura 2 - Atividades com vídeo



Figura 3 - Atividade com Música, paródia



Figura 4 - Atividade com Mapa Mental



Figura 5 - Trabalho com cartaz



Figura 6 - Atividade com quadro-de-giz expondo conteúdo sobre Bacia Hidrográfica.



Sobre a atividade a seguir, o educando estagiário Santos (2014) afirma que a paródia, a música e o pandeiro auxiliaram na compreensão da temática abordada, assim como promoveu maior envolvimento e interesse por parte dos educandos:

Antes de apresentarmos a paródia, falávamos para os alunos acerca dos climas existentes no Brasil, fazendo uma explicação a partir de autores como Mendonça (2007) e Torrezani (2012), este último, autor do livro didático utilizado na escola. Após a exposição teórica apresentamos a. Os educandos logo se animaram em suas cadeiras. Com o uso do computador, uma caixa de som e projetor multimídia apresentamos, inicialmente, a música “País Tropical”, composição de Jorge Bem Jor (1969). Alguns alunos conheciam a música, mas repentinamente, todos passaram a cantar o refrão. Depois disso, falamos que tínhamos uma música parecida com esta anterior, mas que falava sobre o assunto da aula (Climas do Brasil) e que eles poderiam aprendê-la, rapidamente. (...) A música já ressoava em toda a sala de aula e se transformou, neste momento, na forma da paródia proposta para melhor compreensão do conteúdo, além de divertir o ambiente escolar enquanto concluíamos a aula e de envolver emocionalmente os educandos despertando-os.²

² Entrevista concedida pelo estagiário Santos.

PARÓDIA “PAÍS TROPICAL”

Moro num país tropical
De dimensão continental
E bonito por natureza (2x)

Mas que beleza
Lá no Norte o clima é equatorial (equatorial)
Floresta multinacional
Umidade e tempo quente...
Mas no Sul é diferente.

Espere a chuva
O tempo muda lá no subtropical (subtropical)
Esse clima nacional
Chuva frequente e quatro estações bem definidas ...
Se no Nordeste fosse eu não reclamaria!

Ô baby, my baby, my baby
Vêm ainda outros climas (pois é)
No Nordeste é semiárido
Tropical de altitude no Sudeste (pois é)
O Centro-oeste é semiúmido
O Litoral: clima chuvoso
Que lugar gostoso!
Por isso eu digo que moro...
(Refrão) ³

A utilização de distintas linguagens e recursos supramencionados promoveu, na Disciplina ministrada, uma melhor compreensão dos conceitos geográficos, especialmente porque os/as educandos/as estagiários/as se preocuparam em demonstrar seus conhecimentos e vivências para a sala de aula, os quais são conhecidos, especialmente a partir da observação e dos questionários e entrevistas desenvolvidos nas turmas.

3 Autor: Professor Izael - Colégio Estadual do Pará – Curitiba. Adaptação: Maglandyo da Silva Santos. Conteúdo estruturante: Clima do Brasil. Música: País Tropical e composição de Jorge Bem Jor.

Considerações

Os resultados dos catorze Estágios Supervisionados realizados demonstraram que o ensino de geografia tem se mostrado nas escolas observadas uma continuidade da tradição de uma educação conteudística, descontextualizada, mnemônica, pautada na transmissão de conhecimentos, cujos resultados se mostram para os educandos, enfadonho e descontextualizado de suas realidades. Essas constatações advêm da pesquisa documental utilizada, das práticas profissionais dos professores das escolas onde ocorreram os estágios, revelando a continuidade do pensamento e das práticas da Geografia Tradicional, pautada principalmente na tendência Positivista e nas práticas tradicionais com ênfase no livro didático e na realização de provas escritas.

O ato de observação e reflexão contidas entre a teoria e a prática, vivenciadas respectivamente na academia e na escola, promoveu uma mudança de postura e no pensar dos/as educandos/as estagiários/as, os quais em geral, também tiveram uma educação conteudística. Reflexos dessas transformações se deram nas metodologias, nos recursos e novas linguagens utilizadas durante a realização do Estágio.

A realização do planejamento das aulas e a execução destas demonstraram resultados positivos frente às práticas tradicionais adotadas pelos professores das escolas, tornando o ensino de geografia uma atividade prazerosa para os educandos escolares, conforme se constatou nos resultados alcançados e nas falas dos educandos.

Segundo os/as educandos/as estagiários/as, 56% dos professores também foram motivados à utilização de novas práticas no ensino de geografia, contribuindo ainda mais para a dinamização do cotidiano escolar e a ressignificação dos conteúdos geográficos. Entretanto, 34% dos professores afirmaram que os/as educandos/as estagiários/as estão muito mais preocupados com os resultados da Disciplina Estágio do que com uma inovação no ensino e que aquelas práticas 'inovadoras' só ocorriam por eles/as ainda não serem profissionais da educação, reafirmando uma crítica ao cotidiano do professor e de sua desvalorização.

Retornando ao espaço universitário, intentamos enquanto professora orientadora refletir sobre todos os processos que envolvem a prática docente e profissional, situando a escola e a Disciplina Estágio Supervisionado como oportunidades de se estabelecer o diálogo entre a teoria e a prática na construção e no exercício da práxis docente, considerando o ensino permeado pelas práticas contextualizadas com as realidades dos sujeitos educandos, mediadas por linguagens e recursos diferenciados, capazes de tornar o ensino significativo e atraente.

Referências

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, Raimunda A. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. In: BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Parecer CNE/CP 009/2001**. Brasília, DF, 8 maio 2001.

_____. **Parecer CNE/CP 21/2001**. Duração e carga horária dos cursos de Formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 18 fev. 2002.

_____. **Resolução CNE/CP n. 01**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 mar. 2002a.

_____. **Resolução CNE/CP 2**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação em nível superior. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 fev. 2002b.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea. In: TONINI, Ivaine Maria et al (Org.). **Ensino de geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MADRUGA, Juan A. Garcia. A aprendizagem pela descoberta frente à aprendizagem pela recepção: a teoria da aprendizagem verbal significativa. In: COLL, César; PALCIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (Org.). **Psicologia da Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MELLO, Guiomar Namó de. Políticas públicas de educação. **Estud. av.**, v.5, n. 13, 1991 .

SOUZA, Vanilton Camilo de. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores.** 2013. (Tese de Doutorado) Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Projeto pedagógico do curso de licenciatura em geografia.** Cajazeiras, 2008.